



## **Gabinete do Arcebispo Primaz**

### **HOMILIA**

Ref. HLM\_46/2015

Homilia na Solenidade de S. Geraldo

Braga, Sé Catedral, 05.Dez.2015, 17h30

### ***Unidos reconstruiremos a cidade***

A Nota Pastoral que preparei para este ano – *Missão sem Fronteiras* – termina com a seguinte afirmação: “Querendo ser discípulos missionários numa Igreja com o rosto misericordioso de Deus, estampemos a alegria nos olhos e olhemos a humanidade com um amor tal que seja capaz de fazer florir, cada vez mais, sinais de encontro, ternura e compaixão. «Assim como eu fiz, fazei vós também» (Jo 13, 15)”.

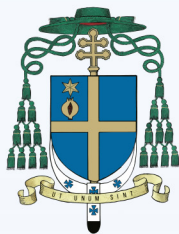
Trabalhamos para ser discípulos missionários quando edificamos uma Igreja de rosto misericordioso, capaz de ver o mundo com olhos plenos de alegria e de esperança. Todos os cristãos são chamados à missão. E a prossecução dessa missão pode acontecer de vários modos, conforme a vocação e os carismas de cada um.

O primeiro marco desta consciência missionária passa por reconhecer, nos rostos das pessoas, as feridas escandalosas de muita dor e de acentuadas desigualdades. Ouvíamos, na primeira leitura, o relato de pessoas infelizes, corações atribulados, cativos, prisioneiros e aflitos. Pessoas e situações para as quais somos enviados a proclamar um ano da graça do Senhor. São palavras densas que devem suscitar em nós imperiosas interpelações.

A tarefa não é pequena. Apenas com uma acção articulada alcançaremos o sonho de uma cidade justa com marcas de alegria e de felicidade. Importa repensar as prioridades e ser capaz de fazer opções. As pessoas devem estar em primeiro lugar. E as opções devem ser orientadas para uma verdadeira promoção dos valores e dos princípios que identificam e distinguem a nossa história de tantas outras.

Temos de nos interrogar permanentemente sobre o que estamos a proporcionar uns aos outros – Igreja, autoridades autárquicas e associativas – para que o viver e o conviver seja digno. É fácil o contentamento com o que distrai. Mais importante é corresponsabilizar e proporcionar tudo o que seja exigência dos direitos fundamentais e que isto aconteça para todos.

Aproxima-se um momento de particular importância para a Igreja. Procederemos, no dia 13 de Dezembro, à inauguração do Jubileu Extraordinário da Misericórdia com a abertura da Porta Santa na nossa Catedral. Normalmente, a Porta Santa, símbolo de Cristo que nos convida a entrar no seu coração misericordioso que se entrega pelos outros até ao derramar da última gota de sangue, é a porta principal. Fizemos uma outra opção. A nossa Catedral tem uma porta chamada “Porta do Sol”, que habitualmente está fechada, apesar da sua beleza arquitectónica. Com esta atitude, estamos a



reconhecer que a sociedade hodierna vive mergulhada numa terrível noite que gera apreensão. Acontecimentos à escala mundial, como o terrorismo e o fundamentalismo, manifestam isso mesmo.

A noite tem a lua e espera pela aurora onde o sol resplandece. Iremos, neste sentido, interpelar a nossa Arquidiocese, na cidade de Braga e em todas as comunidades, para que se centre em Cristo, único sol da humanidade, e que dê o seu contributo para que as comunidades se revejam na vocação de serem lua que resplandece a luz de Cristo.

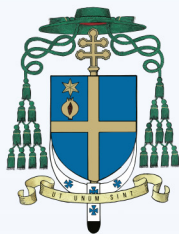
A luz a nascer é, também, gestação de um pensamento cristão que origina opções de vida. Opções essas que, mesmo contra-corrente, lançarão desafios para a mudança e inversão de sentido. Muitos apelidam certas atitudes e opções, mesmo legislativas, de avanços civilizacionais. Tudo é feito com demasiada pressa e sem uma reflexão prévia capaz de envolver o povo que também tem o seu pensar e o seu modo de ver as coisas. Esperamos que a Arquidiocese seja esta pequena lua que inquieta, ajuda a reflectir e a agir com critérios humanistas. Anunciaremos a misericórdia de Deus mas não podemos deixar de solicitar uma mudança de rumo.

São Geraldo foi o Arcebispo reconstrutor da cidade de Braga. Fez com que ela fosse, efectivamente, a cidade dos Arcebispos e que o Arcebispo merecesse o título de Primaz no contexto das espanhas. Hoje não nos preocupam os títulos, mas a história não pode ser esquecida. Deve tornar-se estímulo para uma intervenção cívica e corresponsável pelos destinos desta terra que amamos.

A missão de construir uma cidade, por todos e para todos, e dar respostas aos dramas humanos que afligem a vida de muitas pessoas exige persistência. São Paulo alertava-nos para não desanimarmos na necessidade de olhar para a cidade, não só nas suas estruturas materiais, mas particularmente para a qualidade de vida das pessoas e para as relações entre todos. Que tipo de relações? Creio que relações fraternas, e não de crispação, relações de unidade na prossecução do bem-comum e não de mera satisfação dos gostos pessoais.

No passado foi intensa a discussão quanto à abrangência da cidade dos homens e da cidade de Deus. Para um crente estas discussões são estéreis. Basta acreditar que a glória de Deus é o bem-estar dos homens e concluiremos que a cidade dos homens é a cidade de Deus e a cidade de Deus é a cidade dos homens. Nada de antagonismos nem confrontos.

A cidade de Braga, bem como todas as outras da Arquidiocese, com as suas aldeias e lugares recônditos, merecem uma congregação de esforços e um compromisso pelo bem de todos. Temos muitas instituições cujo trabalho deve ser reconhecido e apoiado, por que desenvolvido através de um voluntariado de matriz cristã, com aplicações diferentes em diversos segmentos da sociedade. S. Geraldo reconstruiu, creio corresponder à verdade histórica, a cidade de Braga a que os seus sucessores restituíram o brilho e o esplendor característico de diversos períodos históricos. Hoje toca-nos a nós. Não só a uma pessoa ou a um grupo. Em conjunto construiremos uma cidade à medida do homem no sentido integral. Separados, isolados, desconfiados, em crispação permanente com intenções nem sempre claras, só aumentaremos as desigualdades e as desconfianças que nada constroem.



Que a nossa gratidão a São Geraldo, e aos Arcebispos que nos deram o nome de cidade dos Arcebispos, se concretize no realismo das soluções e num trabalho conjunto. Ser grato a S. Geraldo é, antes de mais, um hino à nossa identidade histórica de matriz cristã e um compromisso abrangente para o futuro conjunto.

---

† Jorge Ortiga, *Arcebispo Primaz*